

Logradouros Atuais – D - E

DANIEL SMITH, rua

(Jardim Bela Vista) – A lei nº 3.304, de 15.09.2000, deu denominação a via pública que, no mapa do loteamento Jardim Bela Vista, encontra-se identificada como rua 07. Esta rua tem seu início na av. dos Expedicionários e finda na rua Anderson Pereira Bela.

DÁRIO LOPES DE FARIA, rua

(São Cristóvão) – Liga a avenida Funchal Garcia à rua Miguel Gesualdi.

Dário trabalhou na Prefeitura e foi um dos proprietários da padaria Leopoldinense.

DÁRIO MATEUS DE OLIVEIRA, beco

(Fábrica) - Este beco recebeu a denominação oficial pela lei nº 3.441, de 22.08.2002. É o primeiro beco da rua Vinte e Sete de Abril, à direita, no sentido Praça da Bandeira – Fátima.

Dário nasceu em 1909 no distrito de Piacatuba e faleceu em 28.06.1958. Era filho de José Mateus de Oliveira e Marcília Francisca de Jesus. Casou-se com Maria Izabel dos Reis, filha de José Custódio e Maria José das Dores, também nascida em Piacatuba. Seu pai foi batizado em Piacatuba 12.11.1872, filho de Mateus de Oliveira Santos e Constança Maria de Jesus. Sua mãe era filha de José da Silva Badaró e Eugênia Francisca de Jesus, ele filho de Francisco da Silva Badaró e Flausina Maria da Conceição, de Rio Pomba.

Destaque-se que o sobrenome Badaró é uma homenagem a Giovanni Battista Libero Badaró, médico e botânico nascido na Ligúria. Libero Badaró chegou ao Rio em 1826 e mais tarde foi para São Paulo, onde tornou-se político e jornalista, tendo sido assassinado na capital paulista. Seus ideais haviam conquistado muitos admiradores, entre eles o mineiro Francisco Coelho Duarte, que aproveitava todas as oportunidades para citar seu ídolo nas conversas entre amigos. De tanto falar sobre o médico e jornalista, os amigos de Francisco passaram a chamá-lo pela alcunha de “o Badaró”, levando-o finalmente a adotar o sobrenome.

Em Leopoldina temos muitos descendentes de Francisco Coelho Duarte Badaró e sua mulher Francisca Cândida de Lima, filha do inconfidente José Aires Gomes e de Maria Inácia de Oliveira. Além dos atuais usuários do sobrenome Badaró, os Coelho e Oliveira de Piacatuba também se ligam à mesma família.

Dário Mateus de Oliveira e Maria Izabel dos Reis foram pais de Maria de Lourdes casado com João Pereira da Silva, Esmeralda casada com José Ossir Rosa, Marcília, Neuza dos Reis casada com Edson Rodrigues Tavares, Nerci casada com Hirto Amaral, Miraci casada com Valter de Paula Crespo, Vera Lúcia casada com Pedro Mendonça, Airton de Oliveira dos Reis, pai de Lucimary Vargas de Oliveira, diretora do Arquivo Público Municipal de Além Paraíba e Mariza dos Reis Oliveira.

DAVID PEREIRA, beco

(Caçara) – A denominação oficial deste beco surgiu com a lei nº 2455, de 27.10.1992. Ele faz a ligação das ruas Antonio Fernandes Valentim e Nossa Senhora Aparecida.

DÉLCIO WERNECK MORAIS, rua

(Vale do Sol) – Começa na BR-116, próximo à LAC (Cooperativa de Leite) e dá acesso ao bairro Vale do Sol.

Délcio é pai do funcionário público municipal que preside a Associação do Pessoal da Prefeitura de Leopoldina (APPL).

DELFIN RIBEIRO GUEDES, DOM, alameda e rua

Alameda - (Catedral) – É a escadaria que liga a rua Lucas Augusto à praça Ormeu Junqueira Botelho. Recebeu este nome pela lei nº 2392, de 27.03.1992.

Rua - (Imperador) – A denominação oficial desta rua surgiu com a lei nº 3.191, de 19.10.1999.

Dom Delfim foi o primeiro bispo da Diocese de Leopoldina, instalada em 31.10.1943 e esteve à frente da Diocese durante 17 anos. A ele se deve a criação do Seminário N. S. Aparecida e um longo período de publicação do Jornal O Leopoldinense, segundo Kleber Pinto de Almeida em seu livro “Leopoldina de todos os tempos”. Nasceu em Maria da Fé (MG), em

02.05.1908, fez o curso ginasial em Pouso Alegre (MG) e, em 1925, ingressou no Colégio Pio Latino, em Roma-Itália, onde recebeu o título de doutor em teologia e filosofia, ordenando-se em 1931. Foi vigário em Soledade de Itajubá, atual Delfim Moreira (MG) e em Maria da Fé. Era pessoa boníssima e muito querida na cidade. Faleceu 23.02.1985 e está enterrado na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em São João del Rei.

DEODORO, MARECHAL, rua

(Praça da Bandeira) – Liga a praça Zequinha Reis à rua das Flores. Quando recebeu este nome, começava na avenida Getúlio Vargas, ultrapassava a praça e seguia até encontrar o início da rua das Flores. Em 1968, seu trecho inicial recebeu o nome de Gustavo Barbosa Miranda.

Manuel Deodoro da Fonseca, o Marechal Deodoro, nasceu em Alagoas, em 1827. Como militar, combateu em diversas campanhas e participou da brigada expedicionária enviada ao Prata em 1864. Teve participação ativa na Guerra do Paraguai. Governou o Rio Grande do Sul e, proclamada a república, assumiu o governo provisório o que o fez tornar-se o primeiro presidente da república brasileira. Neste cargo, sofreu muita pressão, o que o fez renunciar ao cargo deixando-o para o seu vice, Floriano Peixoto.

DERNEVAL VARGAS, rua

(Popular) – A lei nº 3.332, de 19.12.2000, deu denominação de rua Derneval Vargas à via pública que, no mapa do loteamento do bairro Popular (às margens da BR-116), está como rua B.

(São Cristóvão) – A lei nº 1.763, de 13.11.85, deu o mesmo nome a logradouro no entroncamento das ruas Nilo Colona dos Santos, Dário Lopes Faria e Clóvis Salgado Gama, no bairro São Cristóvão.

Derneval nasceu a 13.02.1921, era filho de João Vargas Corrêa Filho (Janjão) e Ilarina Machado Gouvêa. Neto paterno de João de Vargas Corrêa e Altina Maria Vargas, por esta descendente de um dos casais pioneiros de Leopoldina: Francisco de Vargas Corrêa e Venância Esméria de Jesus. Seu bisavô paterno era filho de Francisco de Vargas e de Teresa Maria de Jesus. Sua avó era filha de outro pioneiro, Antônio Rodrigues Gomes Filho e Rita Esméria de Jesus, ele filho de Antônio Rodrigues Gomes e Jacinta Rosa de Jesus e ela filha do “comendador” Manoel Antônio de Almeida e Rita Esméria de Jesus. Neto materno de José Vital de Oliveira e Mariana Custódia de Moraes, ele filho de Luiz José Gonzaga de Gouvêa e Maria Carolina de Moraes e Mariana filha de João José Machado e Ana Venância da Silva. Casou-se com Maria Auxiliadora Machado Vargas, com quem teve sete filhos. Além de exemplar chefe de família, integrou a Força Expedicionária Brasileira, foi Avaliador Judicial, comerciante e delegado de polícia em Leopoldina. Faleceu em 15.02.1985.

DESENGANO, bairro

É o bairro que está surgindo nas terras próximas à sede da fazenda de mesmo nome, no final da rua Custódio Junqueira. A rua Rubem Duarte é a única que aparece neste bairro.

A fazenda Desengano foi formada por Maria do Carmo Monteiro de Barros e seu marido João Ferreira da Silva, em terras adquiridas, em 28.04.1834, de Francisco Pinheiro de Lacerda por Manoel José Monteiro de Barros Filho. Pertenciam a esta fazenda as terras ocupadas pela estação da estrada de ferro, conforme registra Luiz Eugênio Botelho em seu livro “Leopoldina de Outrora” e boa parte do que hoje forma o centro da cidade e os bairros Meia Laranja, Bela Vista e São Cristóvão.

A história mais antiga destas terras começa com Fernando Afonso Corrêa de Lacerda e Jerônimo Pinheiro de Lacerda, tios de Francisco Pinheiro Corrêa de Lacerda. Fernando Afonso recebeu uma sesmaria a 13.10.1817, no Córrego do Feijão Cru, Distrito de Santo Antonio do Porto do Ubá, Termo de Barbacena conforme código SC 363, página 190-v e Jerônimo recebeu sesmaria com a mesma localização a 14.10.1817, conforme código 363, página 192-v.

Estas duas sesmarias foram divididas e vendidas pelos irmãos Francisco e Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda a diversos dos primeiros moradores de nossa região.

Ver em Antigos Logradouros as avenidas Desengano e Santa Isabel.

DIDI RAMOS, rua

(Joaquim Furtado Pinto) – Liga a avenida Dr. Tancredo Neves à rua Manoel de Almeida Lacerda. Foi nominada oficialmente pela lei nº 1.757, de 11.09.1985, do vereador Nelito Barbosa Rodrigues.

Segundo a justificativa do projeto de lei nº 39/85, Didi Ramos era como ficou conhecido José de Freitas Ramos, nascido em Abaíba no dia 16.03.1915, filho de José de Almeida Ramos e Josina de Freitas Ramos. Casou-se, em 1941, com Hilda Coutinho Ramos e tiveram quatro filhos. Era barbeiro e marceneiro e trabalhou, durante muitos anos, na rua Joaquim Ferreira Brito. Faleceu em 07.11.1980.

DIRCEU BARBOSA FAJARDO, rua

(Dona Euzébia) – Começa na rua capitão Paulino Rodrigues e finda na rua Nestor Augusto Rodrigues. Recebeu este nome através da lei nº 1.290, de 22.09.1978.

Dirceu nasceu no dia 19 de agosto de 1920, em Piacatuba, filho de Hildebrando Fajardo de Paiva Campos e Alzira Barbosa, sendo neto paterno de José Fajardo de Mello Campos e Maria Esméria, e neto materno de Francisco Fajardo de Paiva Campos e Maria do Carmo Barbosa. Casou-se com Emerenciana Gomes, com quem teve os filhos José Hildebrando, Dirceu, Carlos Eduardo e Rita de Cássia. Faleceu em Juiz de Fora a 30 de novembro de 1977. Foi funcionário do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) e comerciante do ramo de bar e restaurante.

DOMINGOS CONTE, praça

(São Cristóvão) – Esta praça fica no cruzamento das rua Clóvis Salgado Gama com rua Dário Lopes Faria.

Era pedreiro e mestre de obras. Residiu no bairro Bela Vista e gozava de grande estima. Descendia dos italianos Conti, da província de Treviso, na Itália.

DOMINGOS ZAMBRANO, rua

(São Cristóvão) – A lei nº 1.310, de 06.10.1978, deu este nome à via pública que liga a rua Miguel Gesualdi à rua Antonio de Oliveira Filho.

Domingos Zambrano era comerciante na cidade e trabalhou na Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina.

DOMINGUES PACÍFICO RAMOS, rua

(Três Cruzes) – A lei nº 1.585, de 08.11.82, dispõe sobre denominação da via pública localizada no bairro Três Cruzes que, no mapa de loteamento, encontra-se identificada como rua H.

O projeto de lei nº 49/82, de 08.11.82, dos vereadores Antonio Carlos Ferreira de Almeida e Ely Rodrigues Netto informa que Domingues nasceu no distrito de Providência em 1903 e faleceu em 1962. Era pessoa humilde, prestativa, trabalhadora e admirada por todos.

DONA EUZÉBIA, bairro

Até bem pouco tempo o local era conhecido como chácara Dona Euzébia. A denominação de bairro surgiu com a lei nº 532, de 15.09.1964. Pelo texto desta lei o bairro compreende a “rua Lindolfo Pinheiro e ruas projetadas sem nomes”. Localizado entre o Alto do Cemitério e os bairros Maria Guimarães França e do Rosário, abrange, hoje, as ruas Aline Monteiro Gomes, Lindolfo Pinheiro, Ormeu Junqueira Botelho, Nestor Augusto Rodrigues, Paulo Afonso Gonçalves de Matos, Sargento Helber Pedro de Queirós e a vila Nossa Senhora das Graças.

Segundo antigos moradores de Leopoldina, Dona Euzébia Policiano de Castro era proprietária de uma vila de casas de aluguel que deram origem ao bairro. Faleceu antes de 1930 e seu nome permaneceu na memória popular até que a Prefeitura o oficializou como nome do bairro.

DURVAL BASTOS, rua

(Praça da Bandeira) – Começa na rua Murilo Rodrigues Pinto. O nome desta rua surgiu com a lei nº 145, de 17.08.1951, que informa que “passam a denominar-se respectivamente rua Salgado Filho, a que parte da praça da Bandeira e vai ter à denominada rua das Palmeiras, e

rua Durval Bastos a que fica logo a esquerda da que receberá a denominação de Salgado Filho, nesta cidade.

Durval foi fazendeiro e administrador da fazenda da Floresta. Sobre seus antepassados e descendentes localizamos podemos dizer o que se segue:

Secundino de Matos Freire, falecido em Leopoldina a 19.05.1907, foi casado com Ana Bastos. Deste casal sabemos da existência de pelo menos os filhos: Álvaro Bastos Faria Freire casado com Januária Nogueira; Etelvina Freire, falecida 15.02.20, em Leopoldina; Everaldo de Bastos Freire; Durval de Bastos Freire, nascido por volta de 1873 e, Zulmira de Bastos Freire, nascida por volta de 1882 e casada a 24.11.1904, em Leopoldina, com Vicente Araújo de Melo.

Secundino, esposa e filhos nasceram em Sergipe. O marido de Zulmira, Vicente, nasceu no Ceará. Pelo que se pode apurar, a família de Secundino teria vindo do Ceará para Leopoldina antes de 1888.

Durval de Bastos Freire deixou grande descendência. São seus filhos: Lauro; Cícero, nascido em Bicas-MG; Maria; Secundino de Matos Freire; Otílio Freire, nascido em novembro de 1900 e falecido a 04.02.1901; Walfredo, nascido em julho de 1911 e falecido em 06.01.1912; Jonas Bastos de Faria Freire, nascido em agosto de 1914 e falecido em 07.12.1914; Antonio Bastos Freire, nascido em agosto de 1918 e falecido a 26.08.1918; Durval Bastos de Faria Freire (farmacêutico e nome de rua da cidade); Otília; Francisco Barreto de Faria Freire (duas vezes prefeito da cidade) e José Bastos de Faria Freire (médico e pai do ex-prefeito Márcio Freire).

Ver Álvaro Bastos Faria Freire, Jonas Bastos e farmacêutico Durval Bastos.

DURVAL BASTOS, FARMACÊUTICO, rua

(Fátima) – Começa na avenida Getúlio Vargas e termina da rua Ercília Guimarães. Foi a lei nº 1061, de 29.11.74, que lhe deu esta denominação. Antigamente era conhecida como a “parte da rua Vinte e Sete de Abril que ficava depois da avenida”. É a via principal do bairro. Ali, no passado, existia a chácara do Dr. Oswaldo.

Durval Bastos era proprietário da farmácia Santa Maria, que funcionava na esquina das ruas Lucas Augusto e Professor Joaquim Guedes Machado.

Ver Álvaro Bastos Faria Freire, Jonas Bastos e Durval Bastos.

EDÉSIO SIQUEIRA, rua

(Jardim Bela Vista) - A lei nº 3.307, de 15.09.2000, dá denominação à via pública desta cidade que, no mapa do loteamento Jardim Bela Vista, encontra-se identificada como rua 03. Esta rua tem seu início na av. dos Expedicionários e finda na rua Anderson Pereira Bela.

Representante comercial, profissão que na época era geralmente conhecida como “viajante”, Edésio nasceu 16.01.1924 e faleceu 30.08.1992. Como sua esposa Delfina procedia de Faria Lemos, MG. Aqui morou, na rua Ribeiro Junqueira, durante muitos anos. Sua esposa exercia a profissão de costureira e colaborava tocando órgão na igreja. O casal deixou dois filhos: Ricardo e Rizete.

EDMUNDO DIAS DA COSTA, rua

(Bela Vista) – Começa na rua Haroldo Maranhá. Sua denominação oficial ocorreu a partir da lei nº 2114, de 12.09.1989.

Durante muitos anos o sr. Edmundo trabalhou no ramo de marmoraria e funerária. Residiu na travessa Dom Pedro II. Foi casado com sua prima, Amanda Fonseca, também homenageada em logradouro. Ambos eram naturais de Tebas. O casal deixou as filhas: Zuleica, casada com Antonio Goretti, da Viação Goretti que fazia a linha Leopoldina/JFora; Ruth, casada com Felício; Aparecida casada com Dr. Lochard, químico; Neves e Glória, gêmeas. A primeira foi professora de História e Educação Física no Colégio Imaculada e faleceu solteira. A segunda, Glória, casada com Jaques, pais de Luis Edmundo, o único neto do homenageado e que hoje continua à frente da funerária Redentor; Marisa casada com Epaminondas Maia, um dos sócios da “Ferragens Maia”, loja que ainda hoje funciona no centro da cidade.

EDSON BARBOSA REZENDE, rua

(Esteves) – Liga a rua Eurídice de Castro Esteves à rua Raphael Iennaco. A lei nº 1.337, de 22.02.1979, deu denominação oficial a esta via pública.

Edson era desenhista de plantas de imóveis. Foi casado com a poeta e escritora Daura Rocha.

EDSON WERNECK, rua

(Redentor) – Perpendicular à av. Jehú Pinto de Faria, partindo do local onde se encontram localizadas as firmas Carburauto e Mouragro, vai em direção à chácara que pertenceu ao homenageado. Sua denominação oficial surgiu com a lei nº 2016, de 16.09.1988.

Edson Werneck foi comerciante e trabalhou na Fábrica de Tecidos e foi diretor da ZYK-5, Rádio Sociedade Leopoldina, fundada em 07.06.1947 e que, inicialmente funcionou na sede do Clube Leopoldina.

EDUARDO CLEMENTINO SILVA, rua

(Bela Vista) – Começa na rua Manoel Monteiro e termina nas proximidades da BR-116. Foi nominada oficialmente pela lei nº 2353, de 16.10.1991.

Durante muito tempo Eduardo trabalhou como funcionário público no Parque Primário Complementar, atual CEFET.

EDWARD XAVIER SOUZA, rua

(Ventania) – Começa na confluência da rua Nicolau José Laluna com a avenida Humberto de Alencar Castelo Branco. Seu nome oficial surgiu com a lei nº 1277, de 18.08.78.

ELDORADO, bairro

Este bairro surgiu na década de 1990. Fica entre os bairros Quinta Residência e Joaquim Custódio Guimarães, nas terras próximas ao antigo Aprendizado.

Abrange as ruas Argemiro Pinto Bittencourt, Elias Veiga, Jones Rocha, Manoel Rodrigues Pandeló, Osmar de Almeida, São Paulo, Sebastião Ferreira de Lacerda, Vicente Iennaco e a praça Professora Geni Bittencourt de Araújo.

Segundo o dicionário do Aurélio, eldorado “é um país imaginário que se dizia existir na América meridional”. “Um lugar pródigo em delícias e riquezas”.

ELIAS ABRAHIM, rua

(Joaquim Custódio Guimarães) – A lei nº 2004, de 15.09.88, dá denominação de rua localizada no Conjunto Habitacional Dr. Joaquim Guimarães e que no mapa do loteamento está como rua C. Esta via tem início na rua Elói Nogueira Gomes e finda na rua Francisco de Souza.

Elias era comerciante e muito conhecido a cidade.

ELIAS MATOS, rua

(Seminário) – Liga a rua Padre José Domingues Gomes com a rua Olyntho Gonçalves Netto. A lei nº 895, de 15.05.1973, deu nome de “rua Elias Matos, a via pública que começa numa rua sem nome, no bairro do Seminário e se dirige para o bairro Arthur Leão, terminando no rodo próximo ao Asilo Santo Antônio.”

Consta que Elias Matos era mecânico, piloto e instrutor de vôo e faleceu vítima do mesmo acidente aéreo, na serra de Petrópolis, que matou José Peres, prefeito da cidade de São Pedro dos Ferros, MG e irmão do Omar Resende Peres, também nome de rua da cidade.

ELIAS VEIGA, rua

(Eldorado) – Começa na rua Coronel João Lau. Sua denominação oficial surgiu com a lei nº 2479, de 17.12.1992.

Elias Veiga trabalhou na antiga Casa Timbiras. Posteriormente abriu sua própria casa de negócios na rua João Neto.

ELÓI NOGUEIRA GOMES, rua

(Joaquim Custódio Guimarães) – A lei nº 1997, de 15.09.88, diz que passa a denominar-se rua, a via pública desta cidade que no mapa do loteamento Dr. Joaquim Guimarães, encontra-se

identificada como rua A. Esta rua tem seu início na rua Padre José Gomes Domingues e finda na praça Júlio Barbosa.

Elói Nogueira Gomes foi um dos sócios da antiga oficina autorizada Chevrolet de Leopoldina e residiu numa Chácara no bairro de Fátima.

EMÍLIA CONSTANÇA DE REZENDE, rua

(Três Cruzes) - Foi criada pela lei nº 3144, de 23.04.99.

A homenageada era filha de Manoel Galdino Teixeira de Rezende e Ana Emília do Amor Divino, nasceu por volta de 1893 e faleceu em Leopoldina a 25.05.1988.

EMÍLIA LEVASSEUR ROCHA, rua

(Praça da Bandeira) – Liga a rua Sebastião Pereira Bella à avenida Humberto de Alencar Castelo Branco. É a antiga rua das Palmeiras ou, rua da vila Gilda.

Diz o texto da lei nº 800, de 27.04.1972 que por ela se “altera a denominação da atual rua das Palmeiras para rua Professora Emília Levasseur Rocha”.

Emília Levasseur Rocha era professora e descendia do francês Antoine Urbain Levasseur, que ficou conhecido pelo nome de Antonio Albino Levassór. Faleceu em 20.12.1964, aos 91 anos. Casou-se 01.10.1892 com Teófilo Rocha nascido por volta de 1870 em Monte Verde (hoje Barão de Monte Alto), filho de Antônio Gonçalves da Rocha e Floriania Amélia do Nascimento.

No livro de casamentos de nº 5, fls. 72, nº 369, consta que Emília Levasseur Rocha (D. Milica) era filha de Elisa Maria Levasseur e Antonio Delfim Gama.

Mário de Freitas, em “Leopoldina do Meu Tempo”, diz que “na praça Gama Cerqueira residia a notável educadora e exímia pianista, dona Milica, Emília Levasseur Rocha, e suas filhas Helena e Heloísa.”

Segundo Barroso Júnior, Antoine teria vindo para Leopoldina por volta de 1837 e foi proprietário e negociante no povoado.

Nascido por volta de 1804 na França, Antoine Urbain Levasseur foi um dos primeiros moradores do Feijão Crú. Assinou como testemunha da doação de terras para o patrimônio de São Sebastião em 1831. Era mascate e em 1838 aparece solteiro, negociante, alfabetizado, sem escravos. Em 1843, já havia constituído família e era proprietário de 3 escravos. Em 1856 era proprietário de terras da fazenda Taboleiro, com 21 alqueires de "planta de milho". Seus vizinhos: Manoel José de Novaes, Francisco da Silva Barbosa, a fazenda da Bocaina e a cidade. Sua esposa foi Jacinta Maria da Glória, nascida por volta de 1825 em Leopoldina. Foram pais de Rosa Levasseur c/c o espanhol Braz Lopez, Antonio Jacinto Levasseur falecido em Leopoldina 21 Junho 1886, Benjamim Levasseur c/c Filomena Vargas Corrêa (filha de Francisco de Vargas Corrêa e Venância Esméria de Jesus), Elisa Maria Levasseur, José Maria Levasseur falecido em Leopoldina 23 Agosto 1886, Adelaide e Maria Madalena Levasseur .

EMÍLIA PACHECO, beco

(Quinta Residência) – Segundo consta era a mãe do Joaquim e do Pedro Pacheco.

EMÍLIO RAMOS PINTO, PROFESSOR, rua

(Bela Vista) – A lei nº 890, de 15.05.1973, “dá denominação de rua Emílio Ramos Pinto, a via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista está como rua H.”

O professor Emílio foi, durante muitos anos, diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira (Grupo Velho). Era casado com a professora Ruth.

Nascido 30.11.1894 em Leopoldina, filho de Emílio Augusto Pereira Pinto e Hermínia Cândida Ramos. Avós paternos: Francisco de Paula Pereira Pinto e Carolina Rosa de Jesus, esta filha de Francisca de Paula de São José e Antônio Felisberto da Silva Gonçalves, filho de Felisberto Gonçalves da Silva, o primeiro sesmeiro de Argirita, sobrinho de Tiradentes. Sua mãe era filha de Antônio José Alves Ramos, da Farmácia Central, e de Amélia Carolina Pereira Pinto, irmã de seu pai.

Seu irmão Milton Ramos Pinto foi oficial de Cartório em Leopoldina. Sua irmã Olga Ramos Pinto foi casada com o Dr. Antônio de Oliveira Guimarães.

Emílio Ramos Pinto casou-se em 1928 com Ruth Siqueira de Faria e foi pai de Elza e Hermínia.

ENÉAS GUIMARÃES FRANÇA, DOUTOR, rua

(Nova Leopoldina) – Começa na rua Dom Gerardo Ferreira Reis. Foi nominada pela lei nº 2.974, de 16.10.1997.

Dr. Enéas era médico, filho do Dr. Hélio Guimarães França. Neto paterno de Enéas Lacerda França acima citado e de Vera Guimarães. Faleceu, ainda jovem, de acidente de carro.

ENÉAS LACERDA FRANÇA, rua

(Cemitério) – Começa em frente ao portão do Cemitério e termina na rua Soleiro. Foi através da lei nº 111, de 28.07.1950 que passou a denominar-se rua Êneas Lacerda França a então rua Boa Vista.”

Ressalte-se, aqui, que existiu uma outra rua com o nome de Boa Vista e que se transformou na atual rua João Neto.

Enéas de Lacerda França foi farmacêutico e vice-prefeito. Faleceu em 1950. Era filho de Manoel Bruno Viana França e Maria Augusta Rodrigues Lacerda. Neto paterno de Manoel Viana e materno de Custódio de Lacerda Ferreira e Augusta Esméria Rodrigues já citados neste trabalho. Era irmão de Hélio, Otto, Optato e Osmar Lacerda França.

No dizer de Mário de Freitas, em “Leopoldina do Meu Tempo”, Enéas era “farmacêutico, esmerado na lhanza do trato e pessoa altamente humanitária”.

No seu busto, na praça General Osório, está uma boa definição desse leopoldinense: “*Serviu aos humildes – 1961.*”

ENY LACERDA SALES, rua

(Praça da Bandeira) – Liga a rua Lino Gonçalves à rua Joaquim Garcia de Oliveira.

Eny era casada com Pedro Sales.

ERASTO ANTUNES DE OLIVEIRA, rua

(Popular) A lei nº 3.335, de 19.12.2000, dá denominação de rua à via pública desta cidade que, no mapa do loteamento do bairro Popular, encontra-se identificada como rua C.

ERCÍLIA GUIMARÃES, rua

(Fátima) – É a continuação da rua Farmacêutico Durval Bastos, que segue para a antiga chácara dos Rodrigues.

Dona Ercília era a mãe dos farmacêuticos Joaquim Custódio Guimarães e Pompílio Guimarães.

ESTELA L. DE MELLO, rua

(Dona Euzébia) – Começa na rua Dr. Ormeu Junqueira Botelho e finda na rua Raphael Iennaco. É a entrada para o bairro Dona Euzébia. O nome oficial desta rua surgiu com a lei nº 1.438, de 19.06.80. Diz a citada lei que esta via pública tem seu início na rua Lindolfo Pinheiro e finda na rua Rafael Iennaco.

Dona Estela residia nas proximidades da Igreja do Rosário e foi casada com o Sebastião “da Singer”, sendo mãe de Luiz, Zizinho, Estela, Manoel e Edith.

ESTEVES, bairro

Compreende parte do que era conhecido como Tabocas ou Taboquinha, entre os atuais bairros Maria Guimarães França, Pirineus e Rosário. Surgiu na década de 1960. Recebeu o nome em homenagem à família Esteves, antiga proprietária de uma chácara no local. Abrange as ruas Colatino Barbosa de Castro, Dom Aristides, Edson Barbosa Rezende, Joaquim Furtado de Menezes, Nicolau Esteves, Sylvio Maranha e Teodolino Medeiros.

ETELVINA FREITAS RAMOS, vila

(Centro) – É uma das vilas existentes na rua das Flores. É geralmente conhecida como vila Ramos. Foi criada pela lei nº 1163, de 07.12.1976.

EULER FERREIRA NETTO, praça

(Esteves) – Diz o projeto de lei nº 39/82, de 17.09.82, do vereador Naylor Harley Domingues, que se transformou na lei nº 1576, que esta praça está localizada entre as ruas Nicolau Esteves e Pedro Arantes. Quer nos parecer que esta praça, posteriormente, recebeu o nome de Heber Sales.

O coronel Euler Ferreira Neto nasceu em 07.04.1922, em Leopoldina, era o terceiro filho do casal Joaquim Izidoro Vargas Neto e Ana Ferreira, também conhecida como Ana Batista. Seus pais eram primos, como primos também eram os seus avós. Após cursar o Ginásio Leopoldinense, fez carreira na aeronáutica. Aposentado, voltou para Leopoldina. Era casado com Maria Emiliana Esteves, nascida 18.08.1929, filha de Nicolau Esteves e Eurídice Dolores Barbosa de Castro, nome de rua na cidade.

Joaquim Izidoro Vargas Neto, nasceu 26.05.1879 em Leopoldina, filho de João Izidoro Gonçalves Neto e Cristina Vargas Corrêa. Casou-se 3 vezes, com Olinda Fajarda, Elcida Werneck e Ana Ferreira.

Ana Ferreira era filha de João Baptista Ferreira e Leopoldina Esméria de Almeida. O pai dela nasceu por volta de 1853 em Conservatória-RJ, filho de Vicente José Francisco e Ana Francelina Ferreira. A mãe dela nasceu 04.02.1884, em Leopoldina, filha de João Rodrigues Ferreira Brito e Messias Esméria de Almeida. Ver genealogia dos Ferreira Brito no verbete próprio.

Joaquim Izidoro Vargas Neto era filho de João Izidoro Gonçalves Neto, falecido antes de 28 de julho de 1922, em Leopoldina e de Cristina Vargas Corrêa, nascida em dezembro de 1854 e falecida a 26.12.1907, em Leopoldina, filha de Francisco de Vargas Corrêa e Venância Esméria de Jesus.

EURÍDICE CASTRO ESTEVES, rua

(Esteves) – Começa na rua Dom Aristides. É a rua onde está a mina d'água das Tabocas. Sobre o local, veja "Tabocas", em Logradouros Antigos.

Eurídice Dolores Barbosa de Castro era irmã de Colatino Barbosa de Castro, também nome de rua já mencionada. Em família era conhecida como "tia Cilota". Casou-se com Nicolau Esteves, com quem teve, pelo menos, os seguintes filhos: Francisco de Castro Esteves casado com Dalva Carvalho; Marli de Castro Esteves casada com Sílvio de Albuquerque Maranhão; Juraci de Castro Esteves casada com Edgard Barroso Silva; Jurandir de Castro Esteves casado com Maria Auxiliadora Silva e, em segundas núpcias, com Lia França; João de Castro Esteves casado com Antonieta Lammoglia; Maria Emiliana Esteves casada com Euler Vargas Neto; Iraci de Castro Esteves casada José Ribamar Ferreira; Joaquim de Castro Esteves casado com Heloisa Fialho; Wiler de Castro Esteves casado com Edna Fontoura.

EXPEDICIONÁRIOS, avenida

(Bela Vista) – Começa na praça José Pires, no início do bairro. É a principal avenida da Bela Vista. Segue o traçado do antigo leito da estrada de ferro da Leopoldina.

A lei nº 767, de 03.09.1971 diz que "fica denominada avenida dos Expedicionários, a via pública que partindo da praça existente no bairro Bela Vista, nas imediações do viaduto ali construído pelo D.N.E.R., vai até o final do perímetro urbano da cidade."

O nome desta avenida é uma homenagem aos soldados brasileiros que participaram da Segunda Guerra Mundial e, em especial, aos 27 leopoldinenses que desembarcaram em Nápoles (Itália), em 16.07.44, dos quais Kleber Pinto de Almeida, em "Leopoldina de todos os tempos", p. 101, relaciona: Jurandir Barbosa Rodrigues, Derneval Vargas, Lair Reis Junqueira, Venceslau Werneck, João Vassalli, Celso Botelho Capdeville, João Zanzirolane, Euler Queiroz, Geraldo Gomes Araújo Porto, João Esteves Furtado, José Antonio Anzolim, Lourenço Nogueira, Pedro Medeiros, Mário Brito Fontes, Jair Ruback, Orlando e Itamar Tavares e Nelson Pinto de Almeida (que morreu no Rio de Janeiro, antes do embarque).

SUMÁRIO